



EDUCAÇÃO SEXUAL DE DOCENTES: EXPERIÊNCIAS PESSOAIS E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO EDUCATIVO DE TEMAS TRANSVERSAIS

Sáskya Jorgeanne Barros Bezerra¹; Grayce Alencar Albuquerque²

1- *Universidade Regional do Cariri- URCA, email: saskyalu@hotmail.com;*

2- *Universidade Regional do Cariri- URCA, email: geicyenf.ga@gmail.com*

RESUMO: À escola tem sido atribuída a tarefa, dentre outras, de orientação quanto à sexualidade. No entanto, observa-se dificuldade do docente na abordagem de tais assuntos, que parece ser resultado da carência de conhecimentos sobre a temática e/ou experiências negativas em sua educação sexual. Assim, este estudo objetivou identificar experiências de docentes em sua educação sexual e sua atuação nesta prática. Trata-se de estudo quantitativo, realizada com professores do ensino médio de três escolas no município de Juazeiro do Norte, Ceará. Participaram do estudo 25 professores, a maioria do sexo masculino (68%, n=17), idade entre 30 a 35 anos (16%, n=7), pardos (28%, n=8), católicos (56%, n=14) e com mais de 10 anos de atuação (20%, n= 5). Foram adotados questionários como instrumento de coleta de dados. O estudo respeitou a resolução 466/12. Observou-se que 58% (n= 11) dos docentes afirmaram não terem tido satisfatória orientação quanto à educação sexual na adolescência e que esta foi da forma tradicional. A maioria (47%, n= 9) revelou existir necessidade de esclarecimento dos adolescentes em seu processo de educação sexual. Alguns docentes apontaram que se faz necessário orientar adequadamente discentes quanto à sexualidade (31%, n=5). Acredita-se que a história da educação sexual dos docentes possa interferir na abordagem destes temas junto aos discentes. Experiências prévias positivas implicam em posturas saudáveis na condução destas temáticas pelos docentes, reduzindo situações de risco, eliminação de preconceitos com elevação dos indicadores saudáveis de saúde, garantindo comportamentos e atitudes respeitadas que se perpetuam na vida adulta.

Palavras chave: Educação sexual, docentes, sexualidade.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é considerada aspecto central do ser humano. Abrange o ato sexual, as identidades, os papéis sociais, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução; sendo percebida através dos pensamentos, fantasias, opiniões, atitudes, valores, comportamentos e práticas, manifestando-se a partir do desejo pelo afeto,

contato, calor, carinho ou amor (FREITAS, DIAS, 2010).

Discutir sexualidade, entre outros, contempla dialogar sobre direções e inclinações do desejo afetivo, sexual e erótico dos indivíduos (SILVA, MELLO, 2011). No entanto, apesar de importante, a discussão desta temática ainda é permeada de tabus e preconceitos (COSTA, OLIVEIRA, 2011),



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

particularmente durante adolescência, período em que geralmente ocorrem as primeiras descobertas e vivências vinculadas à sexualidade, sendo pouco valorizada pelos pais e por educadores nas escolas (GOMES, REIS, KURASHIGE, 2013).

De fato, a escola, como espaço de socialização e instituição-parte da sociedade, tona-se campo propício para discussão desta temática como importante tema transversal. A escola, por seus propósitos, pela obrigatoriedade legal e por abrigar distintas diversidades (de origem, de gênero, sexual, étnico-racial, cultural, etc), torna-se responsável – juntamente com estudantes, familiares, comunidade, organizações governamentais e não governamentais – por construir caminhos para a desconstrução de mitos e tabus vinculados à sexualidade (BRASIL, 2009).

À escola tem sido atribuída a responsabilidade de preencher algumas lacunas, cabendo aos docentes das diversas áreas do conhecimento a tarefa de orientação quanto à sexualidade, numa perspectiva transdisciplinar. No entanto, em estudo desenvolvido por Oliveira (2001), os docentes apresentam resistência para assumirem, na prática pedagógica, um trabalho sistemático, que envolva os vários aspectos da sexualidade humana, procurando eximir-se dessa tarefa,

deixando-a a cargo dos docentes de Ciências e/ou Biologia.

Pode-se inferir que a dificuldade e/ou resistência docente para abordagem de temáticas transversais é resultado, em parte, da afirmação de que a sexualidade constitui-se duplamente em uma fonte problemática: de um lado a manifestação da sexualidade e o desejo de saber dos alunos têm se acentuado cada vez mais, de outro, é um fator intrigante para o próprio docente que, na maior parte das vezes, não tem sabido, ou não aprendeu a ensinar sobre a mesma. Enquanto pessoa, na maioria dos casos, ele carrega consigo insegurança, dúvidas, desconhecimento, medos e tabus – fruto de sua própria (in) experiência pessoal e de sua deficitária educação sexual, especialmente na adolescência.

Assim, torna-se importante conhecer e resgatar a história de vida dos docentes, uma vez que o desenvolvimento pessoal e profissional caminham sempre interligados (BRITTOS, SANTOS, GAGLIOTTO, 2013). Portanto, as experiências de vida do docente quanto à sua educação sexual, anteriores e posteriores à sua formação inicial, contribuem para o processo de formação do docente e para a condução e discussão desta temática junto aos discentes.

Desta forma, o estudo objetivou: 1) conhecer as experiências de docentes do



ensino médio quanto à sua educação sexual e 2) descrever a opinião de docentes quanto à condução desta prática dentro do contexto escolar.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e de abordagem quantitativa, realizada com professores do ensino médio de três escolas localizadas no município de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, cuja população é de 249.939 mil habitantes (IBGE, 2014).

As escolas de ensino médio foram selecionadas levando-se em consideração os critérios: i) grande quantitativo de docentes vinculados, ii) facilidade de acesso aos prédios e iii) existência de instalações adequadas para a aplicação dos questionários.

Foram convidados a participarem docentes vinculados a estas instituições de ensino que contemplaram os seguintes critérios de inclusão: i) ser docente de qualquer área do conhecimento e ii) estar presente no momento da abordagem.

O desenvolvimento da pesquisa teve início a partir da solicitação para coleta de dados junto à direção das instituições de ensino. Na ocasião, a proposta do estudo foi apresentada. Após formalização do apoio e autorização pela direção das escolas foi conduzido um encontro com os docentes,

previamente agendado, para apresentação do estudo e aplicação do instrumento de coleta de dados.

Adotou-se como instrumento de coleta de dados questionários com indagações sobre a temática. Os dados obtidos foram organizados por meio da contagem numérica absoluta e relativa e analisados à luz da literatura pertinente.

O estudo obedeceu aos princípios éticos da Resolução nº 466/12, do Ministério da Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 25 professores do ensino médio, a maioria: do sexo masculino (68% n= 17) com idade entre 30 a 35 anos (16% n=7), pardos (28% n=8) católicos (56% n=14) e com mais de 10 anos de atuação profissional (20% n=5).

Quando questionados para opinarem como consideraram a educação sexual que receberam, a maioria dos docentes apontou que a busca de informações afetivas/sexuais se dava de forma individualizada e motivada pela curiosidade (28%, n=11). Um percentual considerável de docentes (11%, n=02) considerou a educação sexual recebida insuficiente e somente 2% (n=1) a considerou excelente.

Neste sentido, observou-se que a maioria dos docentes (58%, n=11) relatou



receber uma educação sexual nos moldes ditos “tradicionais”, ou seja, sem as devidas orientações necessárias e esclarecedoras nesta fase (Tabela 1).

Conforme Meira (2010), o núcleo familiar possui maior influência na forma como os filhos lidam com sua sexualidade, e muitas vezes eles se omitem e/ou não sabem conduzir dúvidas e anseios, promovendo uma lacuna nas questões que se relacionam com a educação sexual. Ainda, essas dúvidas podem se agravar com a ausência da escola, que muitas vezes, não se propõe a incluir a sexualidade no seu processo de educação.

Tabela 1 – Experiências pessoais de docentes do ensino médio frente à educação sexual na adolescência. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, Março de 2016.

Como foi sua educação sexual?	Valor Absoluto	Valor Relativo
Tradicional/Não teve orientação	11	58%
Teve orientação	3	16%
Importância / Necessidade de tratar o assunto	2	11%
Confusão	1	5%
Não lembro	1	5%
Falava-se de forma abrangente	1	5%

Fonte: elaboração própria

A maioria dos participantes (47%, n=09) revela que existe uma necessidade de

maior esclarecimento dos adolescentes em seu processo de educação sexual e de forma equivalente (11%, n=02) é imperativo a abordagem familiar, a eliminação de preconceitos/mitos/tabus sobre a temática e a convicção de que atualmente essa educação sexual ainda é insuficiente (Tabela 2).

Segundo Suplicy et al (2000), o papel familiar quanto à educação sexual tem sua importância e deve estar associada ao desenvolvimento de ações nas escolas, juntamente com os professores que a compõem, viabilizando o acesso dos discentes a uma educação sexual sadia e livre de tabus e preconceitos.

Tabela 2- Opinião de docentes do ensino médio quanto à atual educação sexual na adolescência. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, Março de 2016.



Qual sua opinião quanto à atual educação sexual na adolescência?	Valor Absoluto	Valor Relativo
Necessidade de Abordagem Familiar	2	11%
Adolescentes Irresponsáveis	1	5%
Necessidade de um esclarecimento maior	9	47%
Ainda está muito aquém do que deveria ser	2	11%
Existência de preconceito	2	11%
Jovens sabem mais do que os docentes	1	5%
Deve ser de forma natural	1	5%
Flertes deveriam ser tratados de forma natural	1	5%

Fonte: elaboração própria

Verifica-se que a maioria dos docentes aponta que se faz necessário orientar adequadamente discentes adolescentes quanto a temáticas transversais como a sexualidade (31%, n=05). Importante destacar que em segundo lugar (13%, n=02) os docentes apontaram a necessidade de participação dos pais no processo educativo, o que possibilita intervenção e participação familiar na consolidação de práticas sexuais saudáveis nos adolescentes (Tabela 3).

Tabela 3 – Opinião de docentes quanto ao que acredita ser necessário para o fortalecimento da educação sexual de adolescentes. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, Março de 2016.

Opinião quanto ao que acredita ser necessário para o fortalecimento da educação sexual de adolescentes.	Valor Absoluto	Valor Relativo
Aberta	1	7%
Sem libertinagem	1	7%
Com participação familiar	2	13%
Abordar DST's, contraceptivos em geral	1	6%
Importância de projetos para tratar esse assunto	1	6%
Tradicional	1	6%
Com orientação	5	31%
Atividades prazerosas		6%
Com autonomia	1	6%
Isolada	1	6%
Contribuição da escola	1	6%

Fonte: elaboração própria

A educação sexual na escola dará aos discentes, através de debates e da transmissão correta de informações, oportunidades de repensarem seus valores sociais e pessoais, partilhando suas preocupações e emoções, sendo importante a participação dos pais neste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a história da educação sexual dos docentes possa interferir na condução e abordagem de temas transversais, como a sexualidade, junto aos discentes.

Experiências prévias satisfatórias que resultaram em eliminação de anseios e dúvidas para a vivência da sexualidade, implicam em posturas saudáveis na condução



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

destas temáticas pelos docentes junto aos discentes, reduzindo nestes últimos, situações de risco, eliminação de preconceitos, mitos e tabus, elevação dos indicadores saudáveis de saúde, bem como, garantindo comportamentos e atitudes respeitadas frente a temática que se perpetuarão na vida adulta.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MS. Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. **Ministério da Educação**. Brasília, 2009.

BRITTOS, E.S.; SANTOS, A.B.; GAGLIOTTO, G.M. A Importância da Educação Sexual na Formação de Professores: O Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer e a Intervenção Necessária Junto aos Adolescentes no Espaço Escolar, 2013.

FREITAS, K.R.; DIAS, S.M.Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2010, v. 19, n. 2, p. 351-7.

GOMES, A.M; REIS, A.F; KURASHIGE, K.D. A violência e o preconceito: as formas de agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul. **Caderno Espaço Feminino**. v. 26, n. 2, p. 30-43, 2013.

IBGE, Cidades, População de Juazeiro do Norte. 2015. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230730> Acesso em 2 de maio de 2016.

MEIRA, L. B. Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos, 58 ed. João Pessoa, Autor Associado, 2010.

OLIVEIRA, B. M. **Sexualidade na escola**: Um estudo sobre as representações dos docentes do ensino fundamental. (Dissertação de mestrado). UFPE, 2001, v. 19, n. 2, p. 351-7, 2010.

SILVA, F.F.; MELLO, E.M.B (orgs). **Corpos, gênero, sexualidades e relações étnico raciais na educação**. UNIPAMPA, Uruguaiiana. 2011. 182p. Disponível em: <http://porteiras.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/07/Corpos-2011.pdf>.

SUPLICY, M.E.; CASTELO, A.C.; BRANCO, C.S.; et.al. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho D'Água,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br